



Manuel Gusmão e Jorge Silva Melo

DA REPÚBLICA E DAS GENTES

BICHODOMATO

Título original: *Da República e das Gentes*

Revisão: Conceição Candeias

Paginação: BdM

Concepção gráfica da colecção: Patrícia Flôr

Local e data de edição: Lisboa, 2011

Impressão e acabamento: Digital XXI

Depósito Legal: 330005/11

ISBN: 978-989-8349-17-0

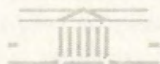
Edição co-financiada pelo Instituto Camões

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob qualquer forma (electrónica, mecânica, fotocópia, etc.) sem a prévia autorização da editora e do Teatro Nacional D. Maria II.

www.bicho-do-mato.pt

DA REPÚBLICA E DAS GENTES

DE **Manuel Gusmão e Jorge Silva Melo**



TEATRO
NACIONAL
D. MARIA II

BICHOCOMATO

Manuel Gusmão

Licenciou-se em Filologia Românica pela Universidade de Lisboa, tendo-se doutorado com uma tese sobre a poética de Francis Ponge, em 1987. É professor (aposentado) na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, desenvolvendo trabalho nas áreas da Literatura Portuguesa, da Literatura Francesa e da Teoria da Literatura. É membro da Associação Internacional de Literatura Comparada e fundador da Associação Portuguesa de Literatura Comparada. Pertenceu às redacções das revistas *O Tempo e o Modo* e *Letras e Artes*, e foi colaborador permanente do *Jornal Crítica*, entre 1961 e 1971. Foi fundador das revistas *Ariane* (*revue d'études littéraires françaises*), que se publica desde 1982, e *Dedalus* (da Associação Portuguesa de Literatura Comparada), desde 1991. É coordenador editorial da revista *Vértice* desde 1988. É tradutor português de poemas de Olivier Cardiot, Christian e Francis Ponge. Vencedor, em 2004, do Prémio D. Dinis, da Fundação Casa de Mateus, em 2005, do Prémio Vergílio Ferreira, atribuído pela Universidade de Évora, e, em 2011, do grande prémio de ensaio da APE.

Jorge Silva Melo

Estudou na London Film School. Fundou e dirigiu, com Luis Miguel Cintra, o Teatro da Cornucópia (1973-1979). Bolseiro da Fundação Gulbenkian, estagiou em Berlim junto de Peter Stein e em Milão junto de Giorgio Strehler. É autor do libreto de *Le Château des Carpathes* (baseado em Júlio Verne) de Philippe Hersant, das peças *Seis Rapazes, Três Raparigas*, *António, Um Rapaz de Lisboa*, *O Fim ou Tende Misericórdia de Nós*, *Prometeu*, *Num País Onde Não Querem Defender os Meus Direitos*, *Eu Não Quero Viver*, baseado em Kleist, de *Não Sei* (em colaboração com Miguel Borges), *O Navio dos Negros*, *Fala da criada dos Noailles que no fim de contas vamos descobrir chamar-se também Séverine numa noite do Inverno 1975 em Hyères* e *Rei Édipo*. Fundou, em 1995, a sociedade Artistas Unidos de que é director artístico. Realizou vários documentários, as longas-metragens *Passagem ou A Meio Caminho*, *Ninguém Duas Vezes*, *Agosto*, *Coitado do Jorge*, *António, Um Rapaz de Lisboa*, e a curta-metragem *A Felicidade*. Traduziu obras de Carlo Goldoni, Luigi Pirandello, Oscar Wilde, Bertolt Brecht, Georg Büchner, Lovecraft, Michelangelo Antonioni, Pier Paolo Pasolini, Heiner Müller e Harold Pinter.

A leitura (Dramaturgia Viva – TEIA) de *Da República e das Gentes* foi realizada no Salão Nobre do TNDM II, a 28 de Junho de 2011, com coordenação de Jorge Silva Melo e interpretações de:

Andreia Bento, Elsa Galvão, Natália Luiza, Sylvie Rocha, Vânia Rodrigues,
Afonso Lagarto, Américo Silva, António Simão, Elmano Sancho,
Estêvão Antunes, João Delgado, João Meireles, Joaquim Pedro, Jorge Silva Melo,
Pedro Carraca, Pedro Luzindro, Pedro Mendes, Tiago Matias
e a participação de Graça Lobo

A QUATRO MÃOS, 2

O convite era claro: uma peça de teatro a ser escrita pelo Jorge Silva Melo e por mim. Irrecusável. Ele, a quem já em tempos prometi uma peça para dela ele fazer teatro. Eu, que, recalcitrando, também com ele aprendi a ver cinema. Nós, amigos antigos de há mais de trinta e sete anos; de há mais de quarenta. Amigos por caminhos que intermitentes se cruzam e descruzam na escrita e cá fora.

E a peça era sobre a República, a primeira. E aí é que a porca torcia o rabo. O que é que havia ali, naqueles corpos mortos que assombravam aquelas fotografias, naqueles textos de uma outra ortografia, que me puxasse fala que também fosse deles? E quando comecei foi mais no pára-arranca, pára outra vez; arranca de novo. A certa altura tinha o princípio e o fim. Tudo começava com o bom épico de então, o magnífico e surpreendente Cesário pastoreando por Lisboa a triste cidade. E tudo terminaria num texto em que Raul Brandão nocturnamente vigiava a noite que aí vinha. Mas o problema manteve-se durante praticamente todo o tempo de escrita. Que fantasmas comuns havia entre nós e eles? Como citá-los se ainda não somos uma humanidade emancipada (ou redimida)?

A certa altura, o Jorge mandou-me o que viria a ser uma primeira versão do que é actualmente o texto VIII: aquele em que há